

O zoom como artifício de rompimento de simulacros: análise de “Certo Agora, Errado Antes”¹

Sophia Melhorança Moreira Añez²

Lohaine Barbosa Lohmann³

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

A pesquisa apresentada tem como objetivo identificar de que forma a linguagem audiovisual do diretor sul-coreano Hong Sang-soo buscar criar uma ruptura na simulação da realidade em seus próprios filmes. Utilizamos o método de análise fílmica do longa-metragem Certo Agora, Errado Antes (2015) para observar o uso da técnica óptica do zoom. O presente estudo busca explorar como tais recursos fílmicos manipulam a percepção do espectador. Através da fotografia, mise-en-scène atuação e narrativa, o diretor simula um espaço verossímil para, em seguida, subverter essa ideia, expondo a opacidade da obra cinematográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Hong Sang-soo; Simulação; Zoom; Realidade; Cinema.

INTRODUÇÃO

Conhecido pela sua abordagem mais naturalista e a acelerada cadência de produção de seus filmes, Hong Sang-soo é um dos grandes nomes do cinema contemporâneo da Coreia do Sul. Tendo como marca registrada a câmera parada e a utilização do zoom, Sang-soo explora aspectos dos relacionamentos humanos, além de sempre se rodear de temas cotidianos. Assim, a pesquisa em questão tem como objetivo analisar de que forma os aspectos da linguagem cinematográfica contribuem para a ruptura da simulação de uma realidade nos filmes do cineasta sul-coreano.

Para tal, o trabalho utilizará como base a análise fílmica de “Certo Agora, Errado Antes” (2015), dirigido por Hong Sang-soo, e a obra do teórico Ismail Xavier “O discurso

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, e-mail: sophiamanez@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, e-mail: loh.h.lohmann@gmail.com

cinematográfico: a opacidade de a transparência”. A partir da identificação dos usos repetidos do zoom e a criação de uma “marca registrada” em sua filmografia, além de investigar como os outros aspectos da sua linguagem cinematográfica se conectam com o aparato técnico, o trabalho se propõe a compreender como os artifícios fílmicos manipulam a percepção do espectador ao produzir simulações do real e como tal percepção se rompe.

METODOLOGIA

Desde os primórdios, o ato de analisar se deve muito ao olhar particular de quem está analisando. Ele tem o poder de afastar ou aproximar filmes uns dos outros, além de esclarecer as proximidades ou especificidades que uma obra carrega. Contudo, é importante elucidar que a análise tende a ser feita a partir de um objetivo – como na pesquisa aqui realizada, na qual é buscado identificar aspectos cinematográficos que produzem uma simulação da realidade –, para, depois, detalhar pontos específicos, como a composição dos planos, o uso do som, a montagem, a linguagem audiovisual, para a autora Manuela Penafria, “analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme” (Penafria, 2009, p.1).

Por conseguinte, é fundamental nessa pesquisa que o cinema não seja interpretado única e exclusivamente por meio de sua narrativa. Embora o enredo seja parte indispensável na experiência fílmica convencional, a análise deve, também, evidenciar seus aspectos formais, uma vez que considerar apenas sua história não a difere de observar um livro, por exemplo. Esses elementos oferecem um entendimento mais profundo sobre a individualidade do meio audiovisual e, portanto, explorar um filme somente pela perspectiva de sua trama seria reducionista.

Desse modo, para Penafria (2009) a análise fílmica se firma, principalmente, em dois princípios: a decomposição e a interpretação. O primeiro se refere a etapa de descrever os aspectos cinematográficos presentes na obra, seja pela sua fotografia, seu som, sua montagem ou sua estrutura. Com isso, a interpretação vem do entendimento e compreensão da relação desses elementos reconhecidos – tanto isolados, como conjuntos na sua reconstrução. Assim, a análise surge como objeto de explicação da funcionalidade de um filme, além de propor uma interpretação específica.

ANÁLISE FÍLMICA DE “CERTO AGORA, ERRADO ANTES” (2015)

Desde seu início, a história do cinema caminhava para o encontro da fidelidade ao real. Seu poder ilusionista se dava na criação ficcional da realidade, empregando técnicas que eram vistas com bons olhos e se diziam como essenciais no funcionamento de uma obra. Ao usufruir das narrativas lineares e da montagem contínua, o cinema clássico camuflava seus artefatos cinematográficos e empregava o “real” dentro de seus filmes, detendo a aceitação imediata do espectador (Xavier, 2005).

A partir desse princípio, o cinema cria uma realidade ilusória na qual todos seus signos se remetem a, apenas, uma representação daquilo que seria o verdadeiro. De acordo com Jean Baudrillard (1991), a imitação se transmuta e substitui os símbolos pré-existentes, se despoja dos fatores racionais. Portanto, a simulação já não possui um equivalente no plano real – torna-se um simulacro, a cópia da cópia que porta “anomalias”.

Na contemporaneidade, tais artifícios são comumente subvertidos, alcançando outras temáticas e patamares audiovisuais. Um expoente dessa perversão cinematográfica é o diretor sul-coreano Hong Sang-soo. Mesmo que num primeiro momento se mostre como naturalista, é por meio das suas repetições, da característica aparição do zoom e da metalinguagem que ele revela e assume a artificialidade presente.

Ao longo de quase 30 anos como realizador audiovisual, Sang-soo conta com mais de 40 produções de cinema. Embora o grande número, suas obras tendem a experienciar características semelhantes de argumentação e, principalmente, de fotografia. Temáticas realistas são comumente vistas: como cenas nas quais os personagens caminham entre ambientes, que aparecem repetidas vezes ao longo de sua filmografia – como cafés, bares, casas, bairros residenciais –, ou quando os protagonistas se reúnem para beber.

Outrossim, o diretor carrega traços metalinguísticos quando transporta atributos do espectro cinematográfico para dentro de seus filmes. Logo, não é incomum se deparar com histórias de diretores de cinema e atores em sua diegese. Para mais, é perceptível em suas narrativas um caráter biográfico, tanto por conta da inserção de sua carreira, quanto pelo uso recorrente da atriz Kim Min-hee, com quem tem um relacionamento.

Indo para os anos 2000, precisamente em meados de 2015, o diretor lança um de seus longas mais cultuados: *Certo Agora, Errado Antes* (2015). Juntamente com Park

Hong-yeol – diretor de fotografia com quem já trabalhou em títulos anteriores. Hong traz para as telas a história de Ham Cheon-soo, um diretor de cinema que, ao chegar acidentalmente à Suwon um dia antes de seu evento, encontra Yoon Hee-jeong – uma aspirante a pintora – e se encanta por ela.

Esse, provavelmente, é o que melhor exprime sua estética única. Em seu 17º filme, Hong Sang-soo reconta sua história alterando as percepções do espectador. Num primeiro momento, as semelhanças se destacam – os diálogos parecem os mesmos e os gestos se mantêm iguais –, mas a diferença se encontra justamente nas pequenas modificações na fotografia.

Segundo Xavier (2005) a obra de arte se apresenta como um microcosmo que se distancia radicalmente do mundo real. Ela não busca reproduzir a realidade de forma direta, mas se configura como um sistema fechado em si mesmo, com suas próprias regras e princípios. Nesse sentido, a obra de arte é um artifício que, ao se separar da realidade, cria um universo autônomo onde prevalecem suas normas internas, distintas do mundo exterior.

Essa concepção pode ser aplicada à linguagem cinematográfica utilizada nos filmes de Hong. Suas narrativas frequentemente transitam entre a verossimilhança, aproximando-se da realidade ao incorporar elementos biográficos, e o distanciamento, na qual a obra se revela como um produto fílmico. Um exemplo desse movimento é o uso do zoom, que expõe a presença da câmera no espaço, rompendo com a ilusão da realidade ao lembrar o espectador de que está diante de uma construção artística.

No longa em questão Hong Sang-soo, juntamente com seu diretor de fotografia, criam uma atmosfera desconfortável que aumentam as tensões entre os personagens. Com planos carregados de sombras, no qual se abstém de pontos de luz fortes, faz-se perceptível o incômodo inicial ao não ser possível identificar com clareza a espacialidade do cenário.

Ainda dentro da mise-en-scène, a escolha do zoom como aproximação e não a aproximação da câmera em si amplia esse argumento. O mecanismo óptico não necessariamente tem apenas a função de escancarar uma “farsa” cinematográfica (muito usado no cinema de Sang-soo), mas amplifica a sensação de estranhamento ao distorcer a profundidade de campo. Ele deixa mais perto o segundo plano – no caso, as paredes do templo – dos protagonistas, gerando um desconforto, de modo que se parece errado.

Para além, o dispositivo de filmagem se mantém mais estático. Isto é, ao invés de sermos submetidos aos usos do zoom como forma de transitar entre variados enquadramentos, temos somente movimentos panorâmicos, com o quadro majoritariamente distante dos olhos os espectadores. Novamente, o longa-metragem nos mostra o desacerto que irá acontecer.

Partindo para o outro lado, onde é recriada a narrativa, a estruturação fotográfica altera substancialmente – mesmo que não aparente no início, ganhando novas perspectivas, Hong permite vivenciar o “e se”. Agora, Ham Cheon-soo está totalmente iluminado, se transformando em alguém diferente (percebemos isso também quando ele opta por um caminho de sinceridade, que faz os acontecimentos mudarem).

Com isso, faz-se presente uma angulação de câmera nova. Dessa vez, sem as alterações que a ampliação pode proporcionar, nós vemos aquilo que realmente é. O distanciamento entre os personagens e o cenário (e o distanciamento entre eles) é mais “natural”. As relações são mais naturais aqui, pois tudo está certo agora, assim como o título sugere.

Essa verossimilhança que o diretor de “Certo Agora, Errado Antes” aplica pode ser explicada pelos fatores fotográficos de sua obra. A todo momento é sentido planos longos e estáticos – muitas vezes as cenas são construídas com um grande plano sem cortes –, dando permissão para que os atores fluam e sejam espontâneos, como são as relações da vida real. Consequentemente, isso cria a atmosfera naturalista, na qual os espectadores projetam o olhar para uma simulação do “real” (que logo é quebrada pelo aumento óptico).

Ainda assim, por toda a extensão de tempo da obra cinematográfica, o diretor sul-coreano opta pela subversão. O tema central do filme em si é a possibilidade de refazer e, quando a história volta ao começo e a proporciona, é exatamente quando a “não realidade” é exposta. Desse modo, é na aproximação da obra que o espectador percebe a própria obra, realizando uma desconstrução da forma – ajudado pelo zoom e pela movimentação da câmera como o “corte” entre os planos.

Seu cinema é puramente reconhecido nas interações humanas. Não diferente do filme analisado, a escolha de um minimalismo estético força os espectadores a se conectarem com os personagens e seus contatos e convívios, ainda que de uma forma externa e contemplativa (tangenciando o voyeurismo). Seu tempo dramático é reforçado

no ritmo natural que a cena tem, os diálogos – e os silêncios – recebem um peso maior na narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidencia como Hong Sang-soo utiliza a linguagem cinematográfica para subverter os simulacros da realidade. Majoritariamente evidenciado pelo zoom, suas obras percorrem uma atmosfera que alterna entre o verossímil e o artificial, rompendo as ilusões convencionais do cinema. Dessa forma, o diretor destaca a construção da própria obra, induzindo o espectador a perceber o filme como um artefato que, embora tangencie o real, se distancia intencionalmente dele. Portanto, podemos considerar que o cineasta utiliza a forma cinematográfica para subverter os modelos narrativos habituais, escancarando as opacidades da linguagem audiovisual, oferecendo um olhar único e contemplativo.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Antropos, 1991.

HONG, Sang-soo. Certo agora, errado antes (Original: Right Now, Wrong Then). Coreia do Sul: Jeonwonsa Film Co., 2015. 121 min. Drama.

MEDEIROS, A. **Amores interessantes**: processo, forma e afeto no cinema de Hong Sang-soo. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação Social) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 153. 2018.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes** - conceitos e metodologia(s). In: Congresso SOPCOM, 6. Universidade Lusófona, Lisboa, 2009.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZENON, Matheus. **O Mundo como palco** – a economia estética de hong sang-soo. Foco – Revista de Cinema, 2016. Disponível em: <<https://www.focorevistadecinema.com.br/FOCO8-9/jornalhongzenom.htm>> Acesso em: 26 set. 2024.